

Título → proposta para um
debate em defesa do emprego

PROPOSTA PARA UM DEBATE EM DEFESA DO EMPREGO

As universidades passam por um momento crítico, nunca visto antes, e nós, como participantes diretos do processo de ensino, estamos também no alvo das ações do governo contra a Educação. Não queremos ser repetitivos, pois temos pressa; afinal, nossa atuação se dará em várias frentes e desde já. O corte de verbas para as universidades se alia à perda de direitos trabalhistas, dos servidores, a falta de incentivos para pesquisa se junta à terceirização do serviço público, e o fantasma do desemprego no serviço público, em larga escala, resulta na perda da qualidade da Educação nas universidades.

Recessão econômica nacional, enfraquecimento dos sindicatos, precarização das condições na prestação de serviços, redução do poder da Justiça do Trabalho, e crise econômica mundial: este é o feio quadro que a burguesia, classe dominante sob o capitalismo, vem pintando para os próximos anos. E para completar, o governo reforça essas tintas com a chamada "Reforma do Estado", onde através das reformas da previdência e administrativa, releva as conquistas históricas das classes trabalhadoras.

Para citar apenas um exemplo que nos atinge na UnB, vemos o descaso com que o governo vem tratando a questão dos HU's: é uma vergonha nacional, pois **esmaga** o que há de melhor na formação médica. E debilita o atendimento médico-hospitalar para a camada da população que mais necessita, os trabalhadores pobres.

Diante desse panorama, temos ainda o grave problema do distanciamento entre as diretorias sindicais e os valores, potencialidades e até os problemas de sua base. Desde a década de 70, as entidades de representação trabalhista estão em "piloto automático", não apresentando capacidade de dar respostas às novas questões que vem surgindo com as inovações tecnológicas e a globalização econômica. Criam assim, entre os trabalhadores, apenas a apatia e o medo de demissões, não fornecendo a eles a disposição para o enfrentamento direto contra o governo e os patrões. Junta-se a isso uma "oposição" eleitoreira que, tanto nos sindicatos como nos partidos das "esquerdas" parlamentares, só aparecem no instante de angariar votos para manter ou conseguir privilégios individuais ou de grupelhos, não prestando às entidades de base nenhuma proposta de melhoria nas conquistas das classes trabalhadoras, criando apenas o descrédito das diretorias nas suas bases, e enfraquecendo o poder de atuação e embate político dos sindicatos diante da crise atual.

Essa conjuntura diferencia-se de todas as demais crises do capitalismo e da sociedade burguesa que ocorreram no passado. A função do Estado Burguês que ora aparentava ser um mediador entre trabalhadores e patrões, assume agora, descaradamente, a posição unilateral de agente do capital internacional e da elite brasileira.

optando em levar para a fogueira os trabalhadores, queimando seus direitos, e resguardando o lucro dos grandes empresários e latifundiários. Nesse panorama, as classes trabalhadoras se encontram em posição de desespero e retrocesso, não vendo nenhuma possibilidade concreta de luta para barrar o progressivo aumento da exploração.

Nesse manifesto apresentamos um outro entendimento: de que, embora a crise e o desemprego já estejam anunciados, ainda existe um campo fértil para o trabalho de reorganização e concretização de novas conquistas pelos trabalhadores. Mas como? Através dos *sindicatos*, que embora há muito tenham perdidos a sua essência, ainda podem retomar a ponta de lança dessa luta e desse enfrentamento. Mas para isso é necessário nos despiremos de toda essa moral dominante e hipócrita, desses conchavos feitos nos

bastidores e dos interesses corporativos que habitam as nossas organizações de classe.

A única maneira do **Sindicato** se revitalizar é abrindo suas portas, para que seus verdadeiros donos, a categoria toda, possam direcionar as suas próprias ações. A direção do sindicato não pode ser unicamente um órgão deliberativo, mas sim executar os desejos da base, através da reorganização e fortalecimento dos *Conselhos de Representantes*, dos **delegados sindicais**, para que estes, em número cada vez maior, tenham o poder não só de fiscalizar, mas de dizer quais devem ser os caminhos que a nossa diretoria deve seguir, quais as bandeiras defender, e o mais importante: como vencer a atual crise que se instala. E além disso, o nosso Sindicato deve procurar a união de trabalhadores (técnicos e professores) e estudantes na defesa da Universidade, da qualidade da Educação e da Saúde.

O que propomos pode não ser muito, mas já é o primeiro passo para mudar a cara de nossa entidade, tornando-a um real instrumento de defesa dos nossos direitos. Acreditamos que nossas principais bandeiras, pelo menos inicialmente, devem ser:

- 1) Reestruturação do Sindicato pela participação ampla e direta da base;
- 2) Fortalecimento dos **Conselhos de Representantes**, dentro do sindicato;
- 3) União, de maneira ampla, entre trabalhadores e estudantes, e demais servidores públicos, contra o desemprego e pela boa qualidade da Educação e Saúde;
- 4) Defesa intransigente dos nossos direitos adquiridos, pelas boas condições de trabalho, garantia dos empregos e de salários decentes;
- 5) Apoio, em nível nacional, aos servidores das universidades federais que estão se propondo a continuar essa luta (e vencê-la !), para começarmos unidos e preparados o ano de 1999.

Essa é a nossa proposta, colegas trabalhadores, e nossa contribuição para o debate que está começando. A crise econômica nos exige uma resposta à altura, e nós vamos responder-lhe juntos, mostrando ao governo e aos patrões, nacionais e estrangeiros, que as classes trabalhadoras brasileiras estão amadurecidas pelo sofrimento, que já não são mais massa de manobra, e que já podem decidir por si mesmas o seu próprio destino. *Vamos dar um exemplo, colegas, para todo o Brasil, reconstruindo o Sindicato em defesa de nossos emprego e da Universidade!*

Ao VII CONSINTFUB

NIL

**Diretor de Formação Sindical
Delegado do Ambulatório/HUB**